

LITERATURA DE AUTOAJUDA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS EFEITOS DO SUCESSO NA OBRA O SUCESSO ESTÁ NO EQUILÍBRIO

SELF HELP LITERATURE: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE EFFECTS OF SUCCESS IN THE WORK O SUCESSO ESTÁ NO EQUILÍBRIO

Thiago Barbosa Soares 1

Resumo: O presente artigo tem por objetivo descrever e interpretar os efeitos do sentido de sucesso no interior da literatura de autoajuda. Dessa forma, visando circunscrever o campo de investigação, escolhemos o livro **O sucesso está no equilíbrio** por esse ter em seu título uma suposta evidência do sentido de sucesso. Tal obra, por se inscrever na literatura de autoajuda, é largamente difundida, vendida e, portanto, facilmente encontrada em bancas de jornais e em demais estabelecimentos em nossa sociedade, oferecendo recursos para se fazer e alcançar o sucesso. Por esse item lexical ter um sentido muito amplo e hodiernamente ser substancialmente empregado em muitas produções discursivas e, conseqüentemente, indiciar uma movimentação nas relações de forças na sociedade brasileira, buscamos um lugar segundo o qual pudéssemos empreender a análise de seus possíveis sentidos em um determinado espaço discursivo. Para tanto, utilizaremos os pressupostos teóricos e os consagrados métodos de investigação desenvolvidos pela Análise do Discurso francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e seus colaboradores.

Palavras-chave: Autoajuda. Sucesso. Discurso.

Abstract: The purpose of this article is to describe and interpret the effects of the sense of success within the self help literature. Aiming to circumscribe the field of research, we chose the book **O sucesso está no equilíbrio** because it has in its title a supposed evidence of the sense of success. Such a work, because it is inscribed in the self-help literature, is widely disseminated, sold and therefore easily found in newspaper stands and other establishments in our society, offering resources to do and achieve success. Because this lexical item has a very broad sense and is nowadays substantially used in many discursive productions and, consequently, to indicate a movement in the relations of forces in Brazilian society, we seek a place whereby we could undertake the analysis of its possible meanings in a given discursive space. To do so, we will use the theoretical assumptions and the established research methods developed by the French Discourse Analysis derived from the works of Michel Pêcheux and his collaborators.

Keywords: Self help. Success. Discourse.

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor nos cursos de Graduação em Letras e de Pós-Graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Câmpus de Porto Nacional. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso francesa.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.
E-mail: thiago.soares@uft.edu.br

Considerações Iniciais

A literatura de autoajuda teve início com a publicação de Samuel Smiles, em 1859, intitulada *Self-help*, publicado em mais de oito línguas e com várias edições e reimpressões em um mesmo século (SOARES, 2016, 2017, 2018). Com o passar dos anos, o conceito de autoajuda ganhou diversas alterações, pois, além de ser um tipo de literatura, passou a ser uma tendência de comportamento (atualmente o *coach* pode ser considerado um tipo de campo no qual a autoajuda se faz constantemente presente). Seu objetivo deixou de ser a formação do caráter passando a ser a mudança espiritual e psicológica em que o indivíduo obtivesse sucesso e realização pessoal.

O objetivo dos novos pregadores do sucesso tornou-se obtenção de autodomínio. Passou-se a supor que, por meio do controle do eu, o indivíduo poderia dominar e, em larga medida, determinar seu ambiente externo. Aos novos pensadores era colocada a tarefa de ensinar ao indivíduo a andar sobre seus próprios pés, a trabalhar por sua própria salvação, a desenvolver todas as forças latentes que tiver dentro de si, a afirmar seu espírito e individualidade própria, e a ser forte, clemente e bondoso (MARTELLI, 2006, p. 225).

Uma das características que chama atenção por sua marcante incidência nesse tipo de discurso é a presença de termos, palavras ou expressões de otimismo, que abrangem os seguintes léxicos: *sucesso, felicidade, paixão, riqueza, dinheiro, bens, alegria, realização* etc. Um dos principais vocábulos é a palavra *poder*, que, de acordo com Brunelli (2004), tem seu significado apoiado na ideia de que cada indivíduo tem o *poder* de atrair coisas boas ou ruins, de acordo com a atitude mental e que, portanto, pode também alterar aspectos da vida com os quais não está satisfeito. O discurso de autoajuda é baseado em uma *pregação*, porque preconiza que os leitores acreditem no próprio potencial para mudarem de vida, como uma condição para que seus desejos sejam realizados.

No discurso da autoajuda, podemos observar o uso de jogos de palavras, trocadilhos e frases feitas, o que faz os argumentos fáceis, persuasivos e convincentes, “o emprego de argumentos mais populares e acessíveis que possuem uma sustentação mais efetiva são recorrentes na autoajuda” (OLIVEIRA, 2006, p. 26). É nesse aspecto que a literatura de autoajuda se assemelha ao que se chama, em língua portuguesa, de provérbios, pois, seus argumentos se assemelham a aconselhamentos. São utilizados também para produzir o efeito de evidência, tendo em vista a crença bastante comum nos adágios populares, ou seja, esse recurso argumentativo é mais confiável no convencimento.

Tendo em vista o que foi dito, temos condições de passarmos mais adiante ao exame do funcionamento discursivo dos efeitos do sucesso na obra de autoajuda: **O sucesso está no equilíbrio** (WONG, 2006). Para compreender com maior precisão quais os sentidos são engendrados por esse tipo de literatura enquanto uma esfera (re)produtora do discurso do sucesso na sociedade brasileira contemporânea, empregaremos os instrumentos teóricos e analíticos da Análise do Discurso francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e seus colaboradores. Portanto, mobilizaremos conceitos como, formação discursiva (FD), interdiscurso intradiscurso, pré-construído, entre outros, para interpretar o (efeito de) sucesso fabricado na **O sucesso está no equilíbrio**.

Em análise: o sucesso está no equilíbrio

Acima, temos o nome de uma obra cuja autoria é de Robert Wong, que é graduado em engenharia pela USP e pós-graduado na área de administração. O autor atua como palestrante e consultor executivo, considerado pela revista “*The Economist*” como um dos mais destacados *headhunters* do mundo. Esses dados estão contidos na orelha da obra. Essa produz, a partir dos subsídios providos acerca do escritor, o efeito de verdade, que, por sua vez, chancela os dizeres produzidos no livro. Prática discursiva abundantemente utilizada hoje em dia para criar justamente esse, entre outros, efeito em torno dos sentidos lavrados em livros impressos.

Na ficha catalográfica, encontramos o ano, 2006, e a 2ª reimpressão. Além disso, no campo

destinado às áreas do conhecimento as quais integram a obra estão respectivamente: “sabedoria”, “autodomínio”, “autoconsciência” e, por fim, “sucesso”. Essas informações poderiam ser lidas como as veredas atravessadas pelo texto de forma geral, contudo o título **O sucesso está no Equilíbrio** dá ares de que o escopo do livro é o sucesso, assim, os campos do saber percorridos têm uma justificativa, isto é, atingir o sucesso. Outro ponto a ser levantado diz respeito à delimitação das áreas do conhecimento, ou melhor, a generalidade absoluta na qual se inscrevem, porém somente em análise essa questão seja mais bem compreendida.

O livro é composto de um prefácio mais treze capítulos e um posfácio. Ao final de cada um dos treze capítulos, que são subdivididos em tópicos, há o que Wong chama de pontos para reflexão, que, entre outras coisas, sintetiza as ideias mais contundentemente abordadas.

Entre os temas tratados em **O sucesso está no Equilíbrio**, temos “normalidade”, “família”, “equilíbrio”, “profissão”, “trabalho”, “autoconhecimento” e “iluminação”. Assim, ao considerarmos o título da obra, entendemos esses assuntos como concernentes ao sucesso, ou, ainda, que *o sucesso está no equilíbrio* dessas áreas tematizadas por Wong. Portanto, o sucesso só é o pressuposto do equilíbrio na medida em que for passível de “explicações” em uma *rede de formulações* nas quais certos efeitos de sentido possam emergir. Posto isso, Wong, de antemão, expõe o sucesso como sujeito do predicativo de equilíbrio. Noutras palavras, o autor tratará do qualificativo.

No interior da obra, no capítulo chamado “Natural e Normal”, Wong traz reflexões acerca de ideias paradoxais traduzidas em conteúdos orientais, tais como os opostos que estão representados pelo *ying-yang*. Chama-nos atenção um ato explicativo no qual o autor diz:

A equação “o sucesso está no equilíbrio” nos ajuda a buscar a solução mais eficiente, que não tem nada a ver com contemporização ou meio-termo. Você deve ter em mente que equilíbrio não deve ser confundido com atitudes mornas ou com panos quentes. Buscamos o equilíbrio dinâmico, que é a reprodução em nossas atitudes do mistério que significa a nossa vida (WONG, 2006, p. 24; aspas do autor).

Diante disso, devemos entender, tal como é expresso acima, sucesso e equilíbrio como termos equivalentes da equação esquematizada pelo escritor. Conjugado a isso, o equilíbrio já recebe uma espécie de definição, não obstante essa seja um tanto nebulosa. Todavia, é a partir desta característica pouco esclarecedora sobre equilíbrio que Wong pode desenvolvê-lo textualmente sem tanto rigor.

Percebemos uma posição-sujeito assumida pelo escritor, qual seja, a de conhecedor do sucesso e do caminho necessário para se obtê-lo. Dizendo de outra forma, é por meio das condições sócio históricas e ideológicas da sociedade brasileira contemporânea que podemos compreender o discurso do sucesso a partir do qual Robert Wong assume uma posição ao (re) produzi-lo. Sob esse prisma, a aparência de unicidade (ideológica) da posição-sujeito deslindada pelo escritor é responsável por efeitos de sentido de autoridade, que, por sua vez, produz condições de veridicidade acerca do texto. Portanto, vemos que: “O sujeito do discurso é, de fato, ao mesmo tempo *sujeito ideológico*, na sua relação com o sujeito do saber que assegura o enunciado; e *sujeito falante*, por poder enunciar os elementos desse saber na formulação” (COURTINE, 2009, p. 96; grifo do autor). Numa palavra, para se compreender os sujeitos e sentidos produzidos em **O sucesso está no Equilíbrio**, se faz necessária a compreensão da articulação dos eixos interdiscursivo e intradiscursivo.

No fio do discurso, reavivando a equação de sucesso igual a equilíbrio, recortamos a seguinte passagem do livro a respeito do dualismo natural e normal:

Você é natural quando respeita e se integra às leis da natureza. É normal quando aceita as normas da sociedade. Combine seu jeito natural com o normal de forma equilibrada e amplie seu poder e influência (WONG, 2006, p. 25).

Nesse enunciado, Wong traz dois projetos discursivos para deles fazer uma síntese. Um primeiro discurso pode ser ponderado como “naturalista” do qual trata “as leis absolutas da natureza” (WONG, 2006, p. 22), e um segundo como o da “normalidade” no qual “Ser *normal* é seguir as regras e normas da sociedade” (WONG, 2006, p. 21; grifo do autor). Sendo a síntese desses dois a integração de ambos, numa forma que Wong chama de *equilíbrio dinâmico*. No fio do discurso temos não qualquer equilíbrio, mas sim dinâmico, que, por sua vez, é *a reprodução em nossas atitudes do mistério que significa a nossa vida*. Visto isso, não fica difícil o entendimento do primeiro discurso nem do segundo, contudo o produto da conjunção de ambos parece estar eivado de efeitos de sentido ambíguos. Não obstante seja nesse ponto, em específico, que uma margem *ad infinitum* é aberta para se preencher com sentidos projetados pelo interlocutor. Desse ponto de vista, cada um que ler o enunciado acima, de acordo com FDs nas quais se insere, trará do interdiscurso dizeres ligados aos discursos “naturalista” e da “normalidade”, mas no que concerne ao “equilíbrio” não há dado no texto. O que não significa que não haja no discurso/no interdiscurso.

A formulação do recorte supracitado é carregada de um tom explicativo na qual se ilustra o que é natural e normal, porém o último período marca um certo individualismo. Nele é o interlocutor quem deve combinar do *seu jeito* as explicações dadas para assim encontrar o *equilíbrio dinâmico*, numa palavra, o sucesso; com isso, o leitor é responsável pela observação de “leis” e “normas” para fazer o que se quer.

O Sucesso está no Equilíbrio pode ser visto como um enunciado no qual as cadeias parafrásticas vão se formando em torno do sintagma *equilíbrio*, contudo os outros enunciados formados a partir dessa base enunciativa são clivados por outras FDs que não a do sucesso (é importante lembrar que as FDs são variadas e se atravessam e se mesclam para constituir um singular âmbito discursivo). Nesse sentido, a memória discursiva do sucesso é atualizada numa *rede de formulações*, constituindo um domínio de memória que se “produz no interior de um processo discursivo (efeitos de lembranças, de redefinições, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de denegação do já dito)” (COURTINE, 2009, p. 112). Portanto, é no interior da obra de Wong que podemos perceber os deslizamentos, transformações, redefinições por meio dos quais se passa do sucesso ao equilíbrio, de forma que para retratar textualmente este último se recorre a diferentes formulações de já ditos.

Nesse traçado, vejamos mais sobre o que Robert Wong diz no tocante ao sucesso:

É por isso que “o sucesso está no equilíbrio” se compara com o manual para aprender a andar de bicicleta que só existe através da transferência prática de atitudes e competências. E que funciona quando se adquire o equilíbrio dinâmico (WONG, 2006, p. 32; aspas do autor).

Podemos explicitar, entre outras coisas, que Wong compara seu livro a um manual para andar de bicicleta. Essa afirmação pode-se dar por conta da (de)marcação das aspas, as quais atuam, nesse caso, como uma forma de restrição semântica. Todavia, a argumentação da comparação segue para um ponto interessante, qual seja, *a transferência prática de atitudes e competências*. Tal ideia advém da professora Susan Blackmore de psicologia da Universidade *West of England* da qual o autor cita: “Quando imitamos alguém, ‘algo’ é transferido entre quem é imitado para quem imita. Esse algo pode ser transferido em sequência, e se torna até mesmo um ‘algo’ com vida própria” (WONG, 2006, p. 27; aspas do autor). Posto isso, temos condições para compreender os efeitos de sentido da comparação inicial com a imitação, porquanto essa não é de qualquer tipo, pois ela somente *funciona quando se adquire o equilíbrio dinâmico*. Em outros termos, quando alguém adquirir o *equilíbrio dinâmico* terá condições de imitar quem se encontra em condições de sucesso para obtê-lo. Wong faz uso sinonímico de *imitação* e de *transferência prática de atitudes e competências*, a partir do referencial de Susan Blackmore. Desse modo, imitar não é simplesmente *reproduzir* comportamentos, mas, isto sim, utilizar o *equilíbrio dinâmico* para se alcançar o sucesso.

Portanto, mais uma vez, o autor de **O Sucesso está no Equilíbrio** diz sem dizer, isto é, no interior de sua produção discursiva, buracos e remendas estão impregnados qual a língua de vento

que é repleta de dizeres vazios. Ao produzir uma equação em que o sucesso é igual ao *equilíbrio dinâmico* e esse, por sua vez, determinante de outros fatores que levam ao sucesso, temos um discurso que cai numa lógica circular. Então, o sucesso é condição necessária para se alcançar o sucesso. Assim, um sujeito só imitará outro (se esse tiver sucesso) se tiver atingido o sucesso (*equilíbrio dinâmico*), de forma que sucesso é, numa palavra, sucesso.

Para corroborar o fato de o sucesso estar no equilíbrio, Robert Wong afirma:

Comer é bom. Demais é ruim. A pessoa se torna um glutão. Exercitar-se é bom. Demais é ruim. As células do corpo oxidam e envelhece-se mais cedo. Trabalhar é bom. Demais é ruim. A pessoa se torna “workaholic”. A ambição é boa. Demais, torna a pessoa gananciosa. Amor é bom demais, mas amar demais pode transformar a relação em paixão, que tem a mesma origem da palavra patologia; ambas derivam da palavra grega *pathos*, que significa doença, desvio, sofrimento. Até o estresse é bom. Faz a gente se agitar, mas, quando é demais, sabemos os malefícios que nos traz. Portanto, o sucesso está no equilíbrio (WONG, 2006, p. 37; aspas do autor).

Aos termos no horizonte que a ideologia é para onde os sentidos são direcionados, (ORLANDI, 2008), podemos aprofundar que Wong, acerca do sucesso, nada diz no tocante ao “equilíbrio” para o qual considerava ser diferente do simples meio termo, isto é, “dinâmico”. Reproduzimos na íntegra o parágrafo acima pelo fato de que ele segue uma sequência significativa do prisma lógico empregado pelo autor. Contudo, reafirma o título da obra, abrindo margem para se compreender o seguinte: ao não se comer demais nem de menos, chega-se ao equilíbrio, por extensão dessa medida, todas as ações humanas são passíveis do mesmo. Nesse sentido, o sucesso se encontra como reta final desse processo ou como ponto de partida, visto que o sucesso é, no texto, sinônimo de equilíbrio. Dizendo de outro modo, um problema surge nessa forma de argumentar do autor, qual seja, o do “equilíbrio” não ser mais adjetivado por “dinâmico”, podendo, assim, ser entendido como *contemporização ou meio-termo*. Além disso, a partir desse enunciado, Wong permite uma criação de um tipo de imagem relativamente absurda sobre o sucesso, pois certamente não é encontrando a justa medida nas atividades diárias que se alcança o sucesso na sociedade brasileira contemporânea (ou o sentido de sucesso ali poderia ser outro?). Haja visto serem as condições de produção dos dizeres de Wong pertencentes a uma sociedade capitalista, na qual se prima pela competitividade e resultados eficientes cada vez mais rápidos, o sucesso pode ter múltiplas facetas, mas todas parecem estar ligadas ao aspecto socioeconômico.

Não há parcimônia de palavras da parte do autor acerca do sucesso. Repete o senso comum ao afirmar que “tudo em exagero faz mal”, enfrentando, por isso mesmo, em seu próprio argumento, certa oposição. Wong diz ainda:

São as pessoas em equilíbrio, com auto-estima consolidada pelo autoconhecimento, que vêem no aqui e agora as oportunidades ainda não apreendidas pela maioria. Pessoas que, além de ter uma visão da própria época, transformam as dificuldades em oportunidades. E ao se incluírem nas soluções, criam um novo nicho de mercado, um novo produto ou serviço. São, então, premiadas com o sucesso (WONG, 2006, p. 45).

Através desse enunciado, temos condições para analisar não só a produção dos sentidos do sucesso, mas também de seus sujeitos. É na suposta opacidade do texto no qual o discurso se materializa (ORLANDI, 2012) e produz seus efeitos de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 2010 [1969]) que percebemos o sucesso ganhando nova roupagem. No trecho acima o sucesso é tratado como prêmio às determinadas ações, que, por sua vez, são efetuadas por um tipo de sujeito *com*

autoestima consolidada pelo autoconhecimento. Wong assevera que o *autoconhecimento* é saber como integrar o *natural* e o *normal*. Porém não é só, esse sujeito deve ver *aqui e agora*, ou seja, ter visão da *própria época*.

Possíveis sentidos de sucesso podem ser apreendidos de certas cadeias de equivalência a seguir: “autoestima consolidada”, “ver no aqui agora oportunidades”, “transformar dificuldades em oportunidades” e “criar um novo nicho de trabalho”. A partir dessa perspectiva valorativa, o sucesso atravessa todas essas equivalências para ser constituído como prêmio. O que, por sua vez, corresponde ao sucesso ser a incorporação de todas essas “características” de ação. Então, o sucesso consistiria no todo do qual cada uma de suas propriedades seriam necessárias para compô-lo enquanto tal.

Têm-se ainda no enunciado outras atitudes desse sujeito de sucesso: ver *oportunidades ainda não apreendidas* e transformar *dificuldades em oportunidades por meio de atitude positiva*. Esse sujeito do qual fala o autor de **O sucesso está no Equilíbrio** provavelmente está no intangível da “teoria das formas” de Platão. Ou ainda no inatingível “melhor dos mundos possíveis” de Leibniz. Caso não fossem as indicações explícitas acerca da impressão das belíssimas atitudes desse sujeito no mercado, poderíamos assumir que Wong está tratando de uma entidade iluminada, um Buda ou um santo. O sucesso está entre as “coisas” boas, requer características admiráveis, um comportamento exemplar, quer dizer, sucesso é um tipo especial de destaque. Para se obter a evidência do sucesso, o sujeito deve agir segundo certas recomendações que visam o relevo social do prêmio, o sucesso.

Robert Wong consegue manter o fio discursivo da relação lógica feita pela equação *sucesso igual a equilíbrio*, ainda que com algum percalço argumentativo. O desenvolvimento desse par equacional se dá por fatores descritos por Pêcheux (2009 [1975]), entre eles, a possibilidade de formação de cadeias parafrásticas. Assim, temos condições para apreender a produção de sujeitos e sentidos do sucesso. É nesse diapasão que analisamos outro trecho:

Sua atitude positiva que reverterá para sua eficiência como ser humano e líder. Ou seja, está em suas mãos, hoje, a atitude que definirá o seu sucesso ou fracasso. Só você pode controlar sua atitude (WONG, 2006, p. 54).

Diante desse recorte, apreendemos pelo uso da palavra sucesso não mais um estado, mas, isto sim, um resultado de uma atitude. Na equação “sucesso igual a equilíbrio” tem-se sucesso como estado dinâmico, pois sucesso é equilíbrio, entretanto em a *atitude que definirá o sucesso* o par da igualdade não mais existe como na equação. Considerando isso, o sucesso liga-se à atividade, que, por sua vez, não é senão positiva. Dessa forma, o efeito de sentido produzido é o de sucesso como de *atitude positiva* cujo impacto *reverterá em eficiência como ser humano e líder*. Noutros termos, as potencialidades mais elevadas do humano e do líder são alcançadas pela *atitude positiva*, por conseguinte, produzindo o sucesso. Atentamo-nos para o uso do lexema *líder* o qual tem, entre suas implicações, a característica de estar à frente dos demais. Quem lidera é diferente, seu estatuto é mais elevado, embora haja diversos tipos de líderes, invariavelmente terão maior evidência do que os liderados. Ademais, Wong postula o caráter individual da atitude, porquanto somente *você pode controlar sua atitude*. Numa FD como a de sucesso, parece ser importante ressaltar a individualidade. Por outro lado, a ilusão de que somos totalmente responsáveis por nossas ações tende a apagar a história e toda e qualquer desigualdade social da contemporaneidade.

Se, por um lado, o autor traz a responsabilidade do sucesso como derivado de *atitude positiva* para cada sujeito, por outro, apaga as reais condições de vida da sociedade brasileira contemporânea. Poderíamos dizer, talvez, de ingenuidade do autor, porém, entendemos a produção discursiva de Robert Wong dentro de uma ordem do discurso capitalista, na qual ele certamente não traria à baila questões de ideologias conflitantes. Ao mesmo tempo em que faz uso da denegação do aspecto financeiro enquanto integrante da produção discursiva do sentido de sucesso. Quer dizer, a “formação ideológica” (PÊCHEUX, 2009 [1975]) na qual se insere o discurso construído pelo autor de **O Sucesso está no Equilíbrio** produz efeitos de sentido relacionados a um

bem-estar na sociedade cujas condições de competição são idênticas para todos. Desse modo, o sucesso está em ultrapassar a média, visto todos serem “iguais”.

Pouco mais adiante, Robert Wong tece mais comentários a respeito do sucesso e dá dicas de como lidar de uma maneira adequada com essa “conquista”. Num tópico intitulado “Sua sorte será imitada”, ele diz:

Ao atingir uma nova etapa de sua vida, você descobre que mesmo combinando a trilogia do sucesso profissional – sorte-atitude, trabalho e competência – terá de se manter proativo para renová-la continuamente. A razão é simples. Quando a sua trilogia do sucesso profissional se manifesta, as pessoas ao redor a percebem e assimilam rapidamente seu estilo. Num primeiro momento, você perceberá os que o imitam como uma forma de ampliar sua influência. Mas se relaxar nos louros da fama, será atropelado pelos imitadores, que se tornarão seus concorrentes (WONG, 2006, p. 83).

Nesse aspecto, o autor exprime um tipo de sucesso concernente à profissão. Em absoluto, sucesso parece ganhar outra conotação, apesar de receber um “complementador” (CASTILHO, 2012, p. 55), *profissional*. O sucesso parece ser refletido a partir de um âmbito específico, não obstante permaneçam os efeitos de sentido de competição, destaque e evidência. Agora, o sucesso está condicionado a uma trilogia, *sorte-atitude, trabalho, competência*. Contudo, sucesso passa a estar relacionado a um fator complexo, sorte. Posto que “*só você pode controlar sua atitude*”, um elemento além da atitude, do trabalho e da competência deve ser levado em consideração ao se buscar o sucesso, ou seja, há quem tenha toda a potencialidade descrita pelo autor, mas não possui sorte. Ora, o sucesso seria fruto de esforços do sujeito para o qual a *trilogia do sucesso profissional* tem condições de “brilhar”. Dito isso, Wong cria uma trilogia representada por quatro constituintes, demonstrando com isso, entre outras coisas, certa ambiguidade em seu traçado para o sucesso.

Todavia, ainda nesse trecho citado, parece haver um certo problema na composição da lógica argumentativa exposta por Wong concernente ao sucesso e ao seu produto desencadeado. Ele, em tom sugestivo, afirma que: *quando a trilogia do sucesso profissional se manifesta*, as pessoas ao redor tentarão imitar os comportamentos geradores do sucesso, tendo em vista obter os mesmos efeitos. O autor se refere ao modo de atingir o sucesso como *estilo*, e afirma que aqueles circundantes farão desse estilo uma espécie de “guia” para seguirem na senda do sucesso. Dessa forma, dois pontos relevantes podem ser observados. Um relacionado à lógica usada por Wong, para chancelar seu argumento com efeito de verdade, é declarar que os imitadores poderiam se tornar *concorrentes* caso houvesse negligência por parte de quem alcançou o sucesso. Notadamente, é uma lógica um tanto controversa, pois quem só imita demonstra não ter condições de fazer algo no qual o *sucesso profissional se manifeste*.

Um segundo ponto se levanta, a saber, a partir do fato de o autor para dizer x, precisou não dizer y, ou seja, o não dito (ORLANDI, 2007), cujo funcionamento permeia a lógica do *sucesso profissional atropelado pelos imitadores*. É necessário aventar a significação contraposta de sujeito do sucesso, isto é, sujeito do fracasso residente no silêncio do não dito no enunciado em questão. “Ou seja, o silêncio seria o que não é preciso ser dito. Assim, o silêncio seria o “exílio” do sujeito, o seu desterro, pois já estaria habitado pelo já-dito, o pleno, o efeito do Um: o literal” (ORLANDI, 2007, p. 89; aspas da autora). Portanto, o não dito significa na medida em que permite um eco do interdiscurso se manifestar no intradiscurso. Nesse caso, um sujeito para atingir o sucesso deve ultrapassar a barreira mediana na qual se encontram os de não sucesso, que querem o sucesso também. Contudo, tornado sujeito do sucesso, os demais tentarão ferrenhamente imitar comportamentos condutores de sucesso, mas não o alcançando são, então, sujeitos de fracasso. Não dito cujo impacto de seus efeitos de sentido causa um certo mal-estar, porém um sentido possível para fracasso é o de macaquear sujeitos cujo sucesso se faz presente na vida profissional e em outras áreas.

Na antípoda do sucesso está o fracasso, o mesmo pode ser entendido de bem-estar e mal-

estar etc., e dado que o não dito está implicado no dizer, a produção de sentidos e sujeitos do sucesso é, em boa medida, um meio pelo qual o fracasso é preterido. Se numa sociedade todos os seus integrantes obtivessem o sucesso do qual trata o autor, seria praticamente absurdo se comentar acerca do sucesso, no entanto, como não é o caso justamente pelas desigualdades sócio-históricas de nosso tempo, o fracasso e sua negatividade podem ser considerados sentidos dos quais o sucesso pretende se afastar. O sujeito de fracasso é aquele que não atingiu o sucesso, mas pode fazê-lo – para tanto, recorrer aos tutoriais de autoajuda é uma saída –, ou ainda, pode aparentar tê-lo adquirido nos mais diversos âmbitos da vida profissional e, até mesmo, na pessoal. Assim, o sentido de fracasso é, por meio do não dito, um dos quais o sucesso aspira “esquecer”. Como o sucesso pode ser também aparente, o mal-estar ligado ao fracasso é necessariamente apagado em prol do efeito de bem-estar do sucesso, ainda que esse seja ilusório.

Desse ponto de vista, no interior do discurso do sucesso trabalham também não ditos cujos efeitos de sentido recaem sobre o dito, conseqüentemente, temos a partir dos primeiros maiores possibilidades de perceber os movimentos da produção de sentidos e sujeitos do sucesso. Em virtude disso, podemos ressaltar as relações tênues entre não dizer y para afirmar x, e a ideologia não como x, mas o mecanismo de produzir x (ORLANDI, 2008). Isto é, o não dito funciona ideologicamente produzindo uma espécie de silêncio do não representado pelo sucesso, ou melhor, pelo caráter negativo e obstrutivo do sucesso cujo sujeito deve “superar”, qual explica Wong, constantemente, para conquistar *os louros da fama*.

Na continuidade de nosso gesto de leitura, encontramos o que pode ser a cereja do bolo de Robert Wong. Ele assevera em um dos tópicos finais: “**Sucesso não é dinheiro**”¹. Se em algum momento o autor procurou dialogar com a situação sociocultural, agora pede para que seu leitor deixe de lado até mesmo sua situação socioeconômica. Caso Wong propusesse que dinheiro é sucesso, seria relativamente escassa a possibilidade de alguém discordar, porque todos os trabalhadores (e outros) possuem, em maior ou menor quantidade, dinheiro, mas não sucesso. O inverso, que é proposto pelo autor, parece não factual, pois os sujeitos de sucesso têm, entre algumas coisas, dinheiro. Na mesma página temos o seguinte:

O sucesso está dentro de você. Está vinculado à sua voz interior, ou seja, à sua vocação, ao seu chamado. Muita gente pensa que ter dinheiro garante o sucesso. Ou que buscar o sucesso é conquistar grandes contas (WONG, 2006, p. 118).

Nessa passagem, o posicionamento de Wong parece ser a favor da minoria privilegiada. Aqui temos a centelha da ideologia capitalista cingindo o discurso do sucesso. Assim, dizendo de outro modo, o elemento determinante do sentido que está presente no interior do discurso origem desse enunciado e que ao mesmo tempo se reflete na exterioridade (PÊCHEUX, 2009 [1975]) é a ideologia do capital. Essa que é responsável pela manutenção do *status quo* da elite dominante, e com vistas a acalantar os ânimos dos que estão à margem do sucesso. As duas sentenças *Sucesso não é dinheiro* e *o sucesso está dentro de você* existem em relação de complementaridade, entretanto, não dizem da conjuntura da sociedade contemporânea, pelo contrário, dissimulam um sucesso competitivo entre “todos”. Como o sucesso seria algo da ordem individual se vivemos em coletividade? Ou, ainda, como o sucesso poderia ser concebido como componente da esfera espiritual-religiosa? Quiçá Wong esteja se referindo ao sucesso como inalcançável, mas ele em sua formulação despreziosa avisa que o sucesso *está vinculado à voz interior*. Nesse diapasão, cada um pode significar o sucesso como quiser. O sucesso *está dentro* e é *o chamado* de cada pessoa, de forma que ninguém se sentirá obrigado a ver o sucesso como uma incessante luta pelo destaque em uma sociedade profundamente desigual, como a brasileira.

Portanto, o autor deu uma receita infalível para se atingir o sucesso, qual seja, o procure

1 Em “Mentiras que parecem verdades” Bonazzi e Eco (1980, p. 28) dão um ótimo exemplo de que sucesso não é dinheiro ao descreverem um pobre prestes a entrar no paraíso: “Agora, o anjo estava lendo na página reservada ao bem. Só havia uma frase escrita: “Sempre protegeu os fracos. Morreu pobre”. O anjo fechou o grande livro: cabia decidir a ele, agora. No molho de chaves, escolheu a chave de ouro do Paraíso e abriu” (aspas dos autores).

dentro de si. Com isso, o sujeito ouve sua voz dizendo que é preciso se diferenciar. Ao observarmos as paráfrases e os encadeamentos no interior da produção discursiva da referida obra, percebemos que “sucesso dentro de si” está relacionado ao já-dito, formulado por Wong alhures, outrora e a todo tempo: “é preciso ter/ é preciso consumir/ é preciso ser diferente”. Além disso, todos, sem exceção, podem ter sucesso, pois para isso nem se precisa de dinheiro. Poderíamos até levantar a hipótese de que Wong não está tratando do sucesso na sociedade brasileira contemporânea, e, sim, de uma “graça” a ser adquirida, entretanto, o pré-construído de sucesso, marcado pelo determinador “o”, não permitiria tal interpretação. Ademais, ele afirma que *muita gente pensa que ter dinheiro garante o sucesso* num gesto de refutação dissimulando a FD a qual pertence, porquanto a ideologia visa uma persuasão à competição (ORLANDI, 2011), não seu inverso como parece sugerir esse trecho. O sujeito de sucesso do qual trata Payer (2005) e Soares (2016; 2017; 2018; 2019; 2020) não está centrado na busca interior, mas, isto sim, na avassaladora máquina do mercado como bússola de seu engrandecimento e, sobretudo, da evidência social. Haja visto isso, dinheiro é sim fundamental para se obter destaque, conseqüentemente, sucesso social, por esse motivo *muita gente pensa que ter dinheiro garante o sucesso*. Em outros termos, o imaginário social é composto justamente de tal raciocínio, embora Wong o tente negar.

Considerações

Ao observarmos a posição tomada pelo sujeito-autor, temos condições para encetar algumas ilações referentes aos efeitos de sentido que o sucesso adquire na (re)produção discursiva de **O sucesso está no Equilíbrio**. Somado a isso, temos o discurso no qual o indivíduo é quem seria responsável por suas desventuras – salvo a exceção da sorte, qual cita Wong – e suas vitórias. O autor segue as tendências contemporâneas do individualismo², de maneira que:

Responsabilizado por seu destino, já que teria a liberdade de refazer sua história de vida, o indivíduo seria também responsável por seus fracassos e problemas: por não ter se aplicado o suficiente para ter um bom emprego, por não ter se alimentado adequadamente e, por isso, ter adquirido problemas de saúde, ou por não ter se exercitado o bastante e, por isso, por ter envelhecido. O indivíduo contemporâneo continua a se sentir oprimido e dominado, mas essa dominação é “anônima”, não tem sujeito nem endereço certo. Enquanto nas antigas lutas operárias o inimigo tinha um rosto definido, o patrão, e a origem da dominação era claramente identificável, o capitalismo, o indivíduo reflexivo não consegue definir a quem culpar por seus males – o que produz a síndrome cada vez mais comum da depressão e do sentimento de fracasso, pois a pessoa se julga a única responsável por suas desventuras (SORJ, 2004, p. 50-51; aspas do autor).

Desse ponto de vista, todos teriam uma condição de vida boa, sobretudo, acesso ao sucesso. O “engodo” é o sujeito achar que é fonte de seu próprio sucesso, se nem mesmo fonte de sentidos ele o é (PÊCHEUX, 2009 [1975]). Um sujeito “cego” da situação política, econômica e social na qual vive certamente é alvo do idealismo subjetivista cuja importância mor reside no “eu”. Posto estar focada a tática do consumismo avassalador hodiernamente no “eu”, é responsabilidade do analista do discurso (PÊCHEUX, 2006 [1983]) deflagrar os mecanismos de (re)produção dos discursos, num movimento, que, antes de tudo, é ético. Assim, encontramos nessa obra de Wong, diversos enunciados oriundos de domínios de memória (COURTINE, 2009), refletindo a atualização do eixo interdiscursivo no intradiscursivo no qual o sucesso veiculou-se a discursos diversos. Competição, profissional, espiritual formam algumas das esferas de produção de sentidos – sendo essas, *lôcus*

² Como forma de exemplificar infimamente isso na Literatura, podemos citar um livro publicado por Paulo Coelho cujo emblemático título é: “O Vencedor está Só”.

de exaltação do indivíduo – pelas quais o discurso do sucesso foi atravessado, fabricando sentidos e sujeitos do sucesso no Brasil contemporâneo.

Portanto, em linhas gerais, a literatura de autoajuda oferece, aos leitores, uma ilusão da possibilidade de enquadramento aos modelos que se deseja alcançar (DUARTE, 2012) por meio de argumentos que se baseiam em qualquer tipo de discurso, em que o escopo essencial é alcançar e fazer *refletir* o leitor, para que esse se veja no que lê. Nesse sentido, notam-se usos recorrentes de formulações cujo efeito de segurança faz com que o sujeito possa se sentir seguro, capaz de seguir adiante em sua busca pelo sucesso: *Você precisa crer, precisa ter a certeza, ter pensamento positivo, ninguém irá chegar ao sucesso se não acreditar*. Um dos principais objetivos da literatura de autoajuda é, então, criar o efeito de verdade no qual: *acredite em você, pois você é capaz de alcançar o sucesso*, tenha valor absoluto.

Como poderíamos entender o sucesso a partir de **O sucesso está no equilíbrio**? O sucesso é estado, fenômeno, objeto ou atributo? É produzido como e por quem? Já que o “sucesso diferencia você”, “sucesso não é dinheiro”, “sucesso está dentro de você”, temos, portanto, sucesso como um atributo. Desse modo, o sucesso pode ser ensinado para, então, ser conquistado, alcançado etc. Então, o sucesso não é um atributo simples e fácil de se adquirir, precisando de quem o transmita enquanto uma espécie de saber. Contudo, ainda que o sentido de sucesso atravesse formações discursivas diferentes, como a espiritual, na obra de Robert Wong, o sentido de sucesso ganha seus contornos mais expressivos no âmbito da competição profissional. Uma das áreas – em conjunto com o consumismo – de maior relevo para a manutenção do capitalismo nos dias atuais.

Referências

BRUNELLI, A. F. **“O sucesso está em suas mãos”**: análise do discurso de auto-ajuda. (Tese Doutorado em Linguística), Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

COURTINE, J-J. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP, EdUFSCar, 2009.

DUARTE, S. **Subjetividade e identidade na literatura de autoajuda**. Goiânia: DEPECAC –UFG/ FUNAPE, 2012.

ECO, U; BONAZZI, M. **Mentiras que parecem verdades**. Trad. Giacomina Faldini. São Paulo: Summus, 1980.

MARTELLI, C. G. **Autoajuda e Gestão de Negócios**: uma parceria de sucesso. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

OLIVEIRA, S. F. P. **Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki**. (Tese de Doutorado). Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. **Terra à vista** - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PAYER, M. O. "Linguagem e sociedade contemporânea. Sujeito, mídia, mercado". *Revista Rua*, No. 11. Labeurb/Nudecri/UNICAMP, 2005.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani [et. al.] 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, M. [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. [1983] **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

SOARES, T. B. Discurso do Sucesso: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil Contemporâneo. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 3, 2016, p. 1082-1091.

SOARES, T. B. **Discursos do sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017.

SOARES, T. B. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. *In*: SOARES, T. B (org.). **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018.

SOARES, T. B. **Composição discursiva do sucesso**: efeitos materiais no uso da língua. Palmas, TO: EDUFT, 2020.

SORJ, B. **A Nova Sociedade Brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WONG, R. **O sucesso está no equilíbrio**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

Recebido em 28 de abril de 2020.

Aceito em 09 de março de 2021.